

O USO DE GÍRIAS COMO IDENTIDADE LINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES ANGOLANOS DA UNILAB CEARÁ

Morena Madalena Da Costa Ngola¹

Gislene Lima Carvalho²

Resumo: O enfoque deste trabalho está na necessidade de compreender as gírias como parte da identidade linguística dos estudantes angolanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB/Ceará. Buscamos refletir como o uso de gírias contribui para a construção da identidade linguística através da visão dos próprios estudantes, do que eles entendem por gírias e de relatos de experiências acerca do uso desse elemento linguístico. Para que o objetivo fosse alcançado, os estudantes angolanos da referida universidade responderam um questionário cujas perguntas versam sobre o uso de gírias e as situações experienciadas por eles enquanto falantes da variedade angolana de língua portuguesa. Para o embasamento teórico, trazemos autores como PRETI (2006, 2004) RANGEL e VIEIRA (2011), COELHO e MESQUITA (2013), dentre outros. Os resultados apontam que os estudantes angolanos utilizam as gírias como marca de identidade linguística, com o objetivo de manter as raízes linguísticas e se reconhecerem enquanto grupo dentro da universidade na qual estudam. Apontam ainda que o uso de gírias angolanas facilita a interação entre os falantes pois estas refletem a influência e os empréstimos das línguas nacionais angolanas, o que os aproxima de suas raízes culturais.

Palavras-chave: Gírias. Identidade Linguística. Angola

Abstract: The focus of this work is on the need to understand slang as part of the linguistic identity of Angolan students from the University of the International Integration of Afro-Brazilian Lusophony UNILAB Ceará, we seek to reflect on how the use of slang contributes to the construction of linguistic identity through the view of the students themselves and what they understand by slang and experience reports on the use of this linguistic element. For the goal to be achieved, the angolan students of that university answered a questionnaire whose questions are about the use of slang and situations experienced by them as speakers of the angolan variety of the portuguese language. For the theoretical basis we bring authors such as PRETI (2006,2004) RANGEL and VIEIRA (2011) COELHO and MESQUITA (2013), among others. The results show that Angolan students use slang as a mark of linguistic identity linguistics, in order to maintain their linguistic roots and recognize themselves as a group within the university in which they study. They also point out that the use of slang facilitates interaction between speakers as they reflect the influence and borrowings of Angolan national languages, bringing them closer to their cultural roots.

Keywords: Slang. Slang. Linguistic Identity. Angola

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: morenangola1996@hotmail.com

² Orientadora. Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

1. Introdução

Angola, país localizado no continente africano, tornou-se independente no dia 11 de novembro de 1975 e proclamou a sua independência territorial. Neste mesmo ano, a língua portuguesa foi declarada oficial no país. Além da língua portuguesa, Angola também tem as suas línguas nacionais, como: Kimbundu, kikongo, Nganguela, Tchokwê, Umbundo e outras dezenas de línguas de origem banto. Essas línguas são usadas majoritariamente por pessoas residentes no interior do país ou por pessoas de mais idade que encontram dificuldades em algumas pronúncias do português e usam, assim, suas línguas para poder se comunicar no seu dia a dia. A influência das línguas nacionais angolanas na língua portuguesa utilizada no país é notável. Um aspecto que se destaca é o empréstimo de algumas palavras dessas línguas, especificamente do kimbundo, língua falada na parte norte do país.

Sabe-se que todas as línguas do mundo se estruturam em regras gramaticais que são conhecidas por seus falantes, a denominada gramática internalizada. Contudo, nem todas as línguas naturais possuem a gramática normativa, ou seja, regras formais que são utilizadas em locais específicos como no processo de ensino e aprendizagem, na administração pública, em documentos oficiais etc. Dessa forma, optou-se pela oficialização da língua portuguesa por já conter a segunda interpretação de gramática mencionada.

No entanto, as regras gramaticais não são, necessariamente, a forma de comunicação, mas sim a língua e o uso que o falante faz dela. A gramática é apenas um dos elementos que compõem a língua e do qual o usuário tem como fonte da sua comunicação. Assim, a língua portuguesa falada em Angola apresenta características que estão relacionadas ao contexto linguístico do país. Um exemplo são as gírias, cujo uso acessa os contextos familiares e sociais do cotidiano e, até mesmo, contextos escolares. Sobre o último contexto nos debruçaremos nesta pesquisa, especificando o uso das gírias pelos estudantes angolanos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB-Ceará.

A presente pesquisa objetiva analisar as gírias como fator de identidade dos estudantes angolanos. Para tanto, realizamos um questionário de modo a compreender o significado das gírias na vida social e acadêmica desses jovens.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro momento definimos o que se entende por gírias, relacionando-as à sociedade onde são utilizadas. Em seguida, discutimos o conceito de língua e identidade linguística. Depois apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, seguido da análise dos dados e, por fim, as considerações finais.

2. As gírias e a identidade linguística

Podemos começar por definir gírias como “um processo de comunicação rápido, fácil e que não se identifica pelo sentido não literal”. (RANGEL e VIEIRA, 2011, P.30). Para alguns, ainda, a gíria pode ser considerada com sinônimo de pobreza, violência e marginalização. Preti (2006, p 242) traz a ideia de que para que se tenha um conhecimento histórico da gíria, é necessário que se mergulhe antes pelo mundo da marginalização, conforme aponta:

Quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242).

Por essa e outras razões, as gírias são sempre apontadas como linguagem a ser evitada e, muitas vezes, relacionada a grupos marginalizados. No entanto, muitos usam como sinônimo de segurança e identidade, na maioria das vezes por jovens e adolescentes, sem levar em consideração o lugar, mas obrigatoriamente deve ser falado com um indivíduo que tem o domínio da mesma língua de modo a não criar conflito ou a não deixar o ouvinte fora daquilo que é a informação que pretende ser passada.

É sabido que o uso das gírias é muito frequente em comunidades modernas, assim também em Angola é muito comum o uso das gírias no dia a dia dos angolanos, em particular nas comunidades mais jovens.

Uns fazem esse uso de maneira a codificar as informações mais relevantes e ainda como marca de um grupo social, é importante ainda ressaltar que em Angola, de forma particular, as gírias variam em cada região, palavras há que em determinadas regiões podem ter um significado em outras ter significado totalmente diferente. A convivência do português com as línguas nacionais de Angola deu origem a novas palavras hoje existentes.

Para Bright (1974), a diversidade linguística enquanto objeto de estudo da Sociolinguística, está relacionado a fatores tais como: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e as gírias estariam nesse âmbito, pois estão relacionadas a grupos sociais e idades. Sobre isso, Alkmim (2001, p. 29) aponta que há "julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas"

Como exemplo de como ocorre o uso das gírias, citamos o uso da palavra gato que se associa a um animal. No calão angolano ou na gíria angolana, gato está associado a objeto ou pessoa feia, diferente do uso brasileiro que está associado a pessoa bonita. Esse sentido não literal leva o ouvinte da expressão que não compartilha da mesma variedade linguística, a diversas incógnitas, como anteriormente ditas, essa incógnita faz parte do objetivo inicial do uso das gírias.

Temos ainda outros exemplos de gírias angolanas, como a expressão "tá a bater" que nos leva a pensar que está associado a uma agressão física, mas em seu sentido metafórico pode se associar em um estado psicoemocional. Abaixo, temos algumas palavras mencionadas pelos nossos estudantes participantes da pesquisa. Vale destacar que as expressões abaixo são utilizadas em Luanda. O uso constante dessas expressões, de certa forma, já se naturalizou e é bastante comum ouvir no dia a dia do povo angolano, quer seja em discursos políticos, nas escolas e nos ambientes familiares.

Tabela 1- Gírias angolanas e seus significados

Gírias	Significados
Mboa	Mulher
Banda	Rua
Tá bater	Estado psicoemocional
Não maia	Não perder a oportunidade
Pitéu(comida).	Comida
Bazar	Ir (verbo)
Ngunga	Igreja
Cassule	Último irmão
Baika	Celular
Gato	Feio

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses exemplos nos levam a perceber o quanto percurso semântico é muito usado no vocabulário das gírias dos falantes angolanos que têm as gírias como língua cotidiana de modo a expressar, sentimentos, ideias e emoções, tal como afirma Preti (2004):

O percurso semântico do vocábulo gírio mostra que ele se torna um recurso importante, principalmente para expressar sentimentos como críticos, ironia, ridículo, desprezo, humor (não raro, humor negro, como presunto, para cadáver, na linguagem marginal, o que rompe com o respeito que a morte tem para a sociedade em geral). A gíria serve, também, para marcar denúncia, oposição aos valores tradicionais. Todas essas características podem ser consideradas, em geral, como recursos de agressividade na conversação, no sentido de que agridem o uso comum". (PRETI, 2004, p.4)

Portanto é comum observar entre os angolanos, principalmente os fazedores de arte de estilos musicais como rap e kudúro, por ser uma língua popular e abrangente nas camadas sociais mais baixas, o que explica a visão marginalizada que as gírias têm para a sociedade. Na maioria das vezes, esses estilos musicais são feitos por jovens provenientes das comunidades, que estão em condições desfavorecidas e que, muitas das vezes, sentem-se excluídos de ciclos economicamente mais favoráveis. Em suas músicas, fazem denúncias a

práticas de corrupção, violência doméstica e abuso sexual, usando as gírias como uma linguagem que identifica as classes sociais, a faixa etária e os problemas por elas enfrentados.

Apesar da diversidade linguística em Angola, a gíria como recurso semântico consegue unificar os diversos povos que constituem o território angolano, quer seja de norte a sul e do leste a oeste, razão pelo qual a comunidade estudantil angolana da UNILAB, especificamente do estado do Ceará, aponta o uso do calão³ como elo de unidade, interação e comunicação entre as pessoas.

Mas como as gírias carregam a ideia de linguagem marginalizada e de baixa escolarização, podemos sustentar dizendo que gírias são linguagem social que tem como objetivo de codificar determinadas informações e ideias de um grupo social restrito.

Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular, tornando-se o que costumamos chamar de gíria comum, ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos" (PRETI, 2004, p.2)

A partir dessa ideia, percebe-se o quanto as gírias em Angola são vistas como linguagem de menor valor e classificadas como linguagem das pessoas não escolarizadas, o que gera preconceitos aos falantes que utilizam o calão como identidade de estilo.

É bem sabido que a gíria faz parte da linguagem comum, já que sai do grupo e passa a ser utilizada por todos os falantes, tornando-se parte da linguagem informal. É utilizada em diversos ambientes e lugares, entre eles as escolas tanto no ensino básico como superior.

O estudo da gíria nos leva a um percurso sócio-histórico da língua, assim, Viana e Alves (2020) afirmam que:

Sabe-se que uma língua tem em si a carga histórica e social do povo que a usa, dessa maneira ela é determinante para que se

³ Sinónimo de gíria no Português angolano.

possa entender o comportamento da sociedade. As variações linguísticas revelam traços da identidade social dos indivíduos e as gírias também fazem parte disso. Dessa maneira, seu estudo torna-se fundamental para a compreensão das mudanças, não apenas linguísticas, mas também do comportamento da sociedade.

E complementam que:

As gírias são conhecidas como um acontecimento da linguagem que pode ser utilizado em diversas classes sociais, em um contexto informal independentemente da idade. São utilizadas no cotidiano por crianças, jovens e adultos e podem ser consideradas como um dialeto. São criadas com objetivo de substituir os termos formais que são usados na língua no dia-a-dia, com a intenção de facilitar a interpretação da expressão usada, porém, não devem ser interpretadas de maneira literal e sim no sentido figurado. (VIANA E ALVES, 2020, p.105)

Pelo exposto e considerando que a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), alberga diversas nacionalidades como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Timor Leste, Brasil e Portugal, essa integração nos submete a diversidade linguística que identifica cada país integrado como o caso do crioulo, língua falada em alguns países e que forma a identidade linguística dos falantes. Portanto, discutimos a relação entre língua e identidade de modo a compreender como as gírias podem ser classificadas como identidade linguística dos estudantes angolanos na Unilab-Ceará.

Percebe-se por identidade linguística como a característica individual de um determinado grupo ou pessoa. Assim, podemos dizer que a partir do momento que os estudantes angolanos fazem o uso das gírias no seu dia a dia, eles a utilizam como um referencial, ou seja, um traço identitário que os diferencia das demais comunidades existentes na mesma universidade. Dessa forma, as gírias servem com um canal de ligação entre os falantes de uma mesma comunidade linguística e acaba os diferenciando no meio de outros falantes do português e das demais línguas faladas nas comunidades integradas na mesma universidade. A relação de identidade com a língua se dá, pois, conforme Coelho e Mesquita, (2013, p. 31)

A língua, assim como a identidade e a cultura, também sofre transformações, por inserir-se na teia das relações sociais. Frente às

mudanças que atingem vertiginosamente a sociedade em todos os setores, ela não poderia isentar-se desse movimento. Ela faz parte da cultura de um povo, haja vista pertencer a este povo. O indivíduo não cria a língua, ele apenas faz uso de um bem que é social. É uma relação de imbricação, haja vista que a língua é a manifestação de uma cultura e, ao mesmo tempo, precisa de uma cultura que lhe dê suporte, sendo, também suporte para uma cultura. Ela é, portanto, a expressão da cultura, uma vez que se constitui como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, afinal, as experiências sociais só são transmitidas por meio da língua. (COELHO e MESQUITA, 2013, p.31)

Compreendendo a língua enquanto meio de comunicação indissociada da cultura, entendemos que ela também sofre transformações conforme as mudanças sociais. Podemos verificar tal mudança em relação à gíria angolana com o seguinte exemplo: na década de 70, era comum os jovens usarem a palavra “atrofiar” para se referir a um desentendimento, enquanto os falantes da década de 90 utilizam “confundir” para o mesmo significado. Tais mudanças confirmam a ideia de que as línguas não são estáticas e estão constante transformação, acompanhando as mudanças sociais, conforme destacado pelas autoras citados.

Hall (2006, p. 13) apresenta a identidade como um elemento de representatividade e ao mesmo tempo de subjetividade, pois:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p.13)

Ainda segundo o autor, a identidade pós-moderna não é “fixa, essencial ou permanente” (p. 12). Dessa forma, a construção da identidade dos jovens angolanos dá-se do contato com outros grupos sociais nos quais usam as linguagens que os caracterizam enquanto membros pertencentes a uma determinada comunidade linguística, formando assim a sua própria identidade, pois elas apresentam alguns aspectos culturais de um determinado grupo. Portanto, essas identidades, ainda que não sejam fixas, são marcadas pela história, pela experiência, na medida que o indivíduo e a sociedade se transformam com o passar do tempo.

Compreendida a relação das gírias para a construção da identidade linguística do falante angolano, passamos aos procedimentos metodológicos para a realização dessa pesquisa.

3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa qualifica-se quanto à abordagem como qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social (...)” (Silveira e Córdova, p. 31). Quanto aos objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, inicialmente com uma pesquisa bibliográfica sobre o tema seguida de uma pesquisa de campo.

Como instrumento de pesquisa, optamos pelo uso de questionário através do Google Formulário, o que nos permitiu alcançar os estudantes visto que enfrentamos um contexto de pandemia de Covid-19, o que impediu o contato direto com os participantes. Os questionários foram respondidos por 23 estudantes. As perguntas abertas versavam sobre o conhecimento dos estudantes sobre as gírias; relato das situações experienciadas pelo facto do uso das gírias e de como os estudantes veem o uso dessa linguagem na construção de sua identidade linguística. O requisito para a participação na pesquisa era ser estudante de nacionalidade angolana matriculado em cursos da Unilab, campus do Ceará.

A resposta ao questionário seguiu critérios de não revelação da identidade dos participantes. Dessa forma, o questionário nos possibilitou atingir os objetivos pretendidos com a coleta e obtenção de informações, além de permitir a interação com os nossos participantes/interlocutores.

4. Análise dos dados

Procuramos, por intermédio dessa pesquisa, abordar sobre o uso das gírias como Identidade linguística dos estudantes angolanos da UNILAB-Ceará, com objetivo de analisar as gírias como fator de identidade linguísticas destes jovens.

Inicialmente, é preciso destacar que os participantes estão na faixa etária entre os 20 a 30 anos. Todos os respondentes afirmaram conhecer e fazer uso das gírias no seu dia a dia no ambiente acadêmico. Camunhas (2004) afirma “o uso da gíria comum transmite uma impressão de modernidade, de identidade de ideias e comportamentos novos e, por afinidade, de identificação com hábitos e falantes jovens” (CAMUNHAS2004, P.155). Por se tratar de estudantes universitários, jovens, o uso das gírias está de acordo com a definição de que esta linguagem é comum entre a camada mais jovem de determinada comunidade.

Continuando, ainda, procuramos saber como os participantes definiriam as gírias. Pelas respostas, percebemos que há, por parte dos estudantes, a identificação das gírias como parte da linguagem informal, com forte relação cultural que os identifica como falante de determinado lugar ou país. Sobre este aspecto, um dos participantes define gírias como “palavras novas criadas em meios informais, geralmente pela juventude.” Outro participante, por sua vez, as define como “linguagem indenitária de um determinado lugar (país, província, município.” Outra definição que cabe destacar é a de que as gírias são “identidade cultural”. Estas definições trazem a ideia de gíria como marca identitária de um determinado grupo e que contribuem para a identificação linguística dos falantes.

Há, no entanto, respostas que apontam para a marginalização destas unidades, como aponta um dos participantes: “fenômeno marginalizado criado por jovens relacionado ao mundo da criminalidade.” Esta última definição demonstra o que afirma Guedelha (2011, p. 106-107 *apud* Viana e Alves, 2020) sobre o facto de que a relação do indivíduo e sua língua nunca é livre de ideologias: “Na própria língua e nas variedades linguísticas estão presentes os sentimentos e ideologias dos falantes e, dessa maneira, as pessoas acabam sendo julgadas pelo seu modo de falar, nascendo assim uma série de preconceitos e estereótipos em relação à língua”.

Em Angola, o uso das gírias era caracterizado como sendo língua marginalizada porque na maioria das vezes são línguas usadas por adolescentes, jovens e muitas das vezes por fazedores de arte do estilo musical kuduro e Rap, que muitas das vezes são jovens de camada socioeconômica baixa e “mussequeiros” (favelados). Além de ser uma língua considerada não

formal, carrega consigo elementos históricos ligados à marginalização, tal como aborda Preti, mencionados anteriormente. A ideologia do falante é relativamente a esses factos anteriormente acontecido em diversas sociedades, porém esse preconceito que existe entre esses falantes leva, em determinados momentos, a conflitos de igualdade socioeconômica.

Em seguida, pedimos aos participantes que respondessem como as gírias contribuem para sua interação social do dia a dia. Foi percebível, a partir das respostas adquiridas, que os participantes veem o uso das gírias como algo que tem contribuído de forma positiva na interação social quotidiana, pois, segundo eles, possibilita maior interação com os membros da mesma comunidade e que facilita em uma comunicação saudável e aberta. Outros afirmam que contribui de forma positiva porque os diferenciam dentre as outras comunidades presentes na universidade, ou seja, serve como marca identitária. Mais uma vez, percebemos que o uso desses elementos linguísticos faz parte da identidade do jovem estudante angolano, sendo aspecto de identificação linguística e cultural para eles.

Considerando a visão marginalizada das gírias, perguntamos aos participantes se já passaram por alguma situação incomum devido ao uso das gírias. Alguns afirmam que já passaram por situações incomuns, motivadas pelo julgamento destas palavras como linguagem de menor valor, mas a maioria afirma que não passou por situações incomuns, já que as gírias revelam traços de sua origem.

Os estudantes que já passaram por situações incomuns apontam o facto de as gírias não terem um sentido literal e, por isso, ser difícil de compreender. Um dos estudantes relata um episódio no qual usa a expressão “é nós!”, de modo a admirar a beleza, ou seja, o charme, o receptor da mensagem percebeu de forma errada, o que causou uma situação de desconforto. Como dito anteriormente, as gírias na maioria das vezes, são usadas apenas com pessoas que compartilham do mesmo conhecimento sobre elas, caso contrário pode causar um mal entendido ou situação inesperada.

Com base nas repostas dos estudantes angolanos aqui exemplificadas, podemos perceber que o uso das gírias por este público é algo recorrente e visto de forma positiva. Além disso, fica evidente que o uso das gíria contribui para a construção da identidade linguística dos falantes, uma vez que identifica quanto

a sua origem, variedade de língua portuguesa utilizada e demonstram aspecto de sua cultura, particularizando esta comunidade linguística e mantendo a unidade entre os falantes.

5. Considerações finais

Esse trabalho relata como as gírias é um dos fatores contribuem para a identidade linguística dos estudantes angolanos na UNILAB-Ceará. A gíria é entendida como linguagem informal de menor prestígio, restrita a grupos sociais até então marginalizados, no entanto ao saírem dos grupos, caem na língua comum e são utilizadas em todas as situações comunicativas.

As respostas dos participantes ou questionados apontam as gírias como uma marca de identidade linguística, pois são utilizadas constantemente no cotidiano dos estudantes, inclusive no contexto da universidade. O uso das gírias foi apontado pelos estudantes como traço de sua origem e identidade. Afirmaram que as utilizam para se identificarem enquanto grupo de falantes e se diferenciarem dos demais grupos presentes na universidade que estudam.

Dessa forma, entendemos que a visão dos estudantes acerca das gírias é positiva, pois elas carregam seus traços culturais, regionais e históricos, contribuindo para a sua identidade. Além disso, sendo Angola um país repleto de linguas regionais, o uso das gírias recorre ao empréstimo das línguas locais, de modo a formar uma variedade que propicie maior interação. Os estudantes apontam que a identidade linguística angolana no exterior, em particular na Unilab-Ceará passa pelo uso das gírias, sendo esta uma linguagem de maior acesso, já que atualmente é falada em quase todo o território nacional angolano.

REFERENCIAS:

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRIGHT, William. 1974 [1966]. As dimensões da sociolinguística. In:

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ufrj, 1998.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística.** Trad.de E. N. Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 17-24.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social.** Editora vozes. 21^a ed. Petrópolis, 2002.

RANGEL, Aline e VIEIRA, Vitor. O idioma prático e inconfundível das gírias. **Revista Eclética.** 2011

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL.** Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, Fernanda Cristina e ALVES Jéssica Brandet. O uso de gírias: crenças, preconceitos e identidades. **Revista de Estudo Linguísticos.** 2020